

VIOLÊNCIA ARMADA NAS ESCOLAS: EXPRESSÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS ESTRANHADAS NO CAPITALISMO MANIPULATÓRIO

*ARMED VIOLENCE IN SCHOOLS: EXPRESSION OF THE ESTRANGED
SOCIAL RELATIONS IN MANIPULATIVE CAPITALISM*

*VIOLENCIA ARMADA EN LAS ESCUELAS: EXPRESIÓN DE LAS
RELACIONES SOCIALES EXTRAÑAS EN EL CAPITALISMO MANIPULADOR*

Jaina Raqueli Pedersen¹

Orcid: orcid.org/0000-0002-6036-8486

Lattes: lattes.cnpq.br/2603615490605090

Email: jainapedersen@unipampa.edu.br

Bárbara Dutra Fonseca³

Orcid: orcid.org/0000-0003-3651-0849

Lattes: lattes.cnpq.br/4059130825285161

Email: barbaradutra@outlook.com

Eduardo Cechin da Silva²

Orcid: orcid.org/0009-0008-5906-8241

Lattes: lattes.cnpq.br/3047253662759539

Email: eduardocechin424@gmail.com

Resumo: A Violência Armada nas Escolas é um fenômeno que vem crescendo significativamente nos últimos anos no Brasil, apresentando para a sociedade desafios complexos, o que motivou a pesquisa que tem por objetivo analisar as características da violência armada praticada em escolas no Brasil, a fim de oferecer subsídios que possam contribuir com o planejamento de ações para o seu enfrentamento. Trata-se de pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, cujas informações foram obtidas através de pesquisa documental, amparada pelo método dialético-crítico. Praticada por pessoas do sexo masculino, é uma expressão das relações sociais estranhadas no capitalismo manipulatório, o qual articula e condensa também, as relações contraditórias de sexo e raça, que de forma imbricada, constituem um sistema de exploração, dominação e opressão. Este sistema, em tempos de crise e de avanço do neoconservadorismo, se utiliza de diferentes estratégias para afirmar e legitimar determinados valores que contribuem para a reprodução da violência.

Palavras-chave: Violência armada nas escolas; Internet; Neoconservadorismo; Estranhamento; Capitalismo manipulatório.

DOI: 10.26512/ser_social.v28i58.57725

Summary: Armed Violence in Schools is a phenomenon that has grown significantly in recent years in Brazil, with the year 2023 being notable for the number of cases recorded, i.e. 12 episodes of this type of violence. As such, it presents complex challenges for society as a whole, which is why this study was carried out with the aim of analyzing the characteristics of armed violence in schools in Brazil, in order to provide information that can contribute to planning actions to tackle it. This is a qualitative, exploratory study, whose information was obtained through documentary research, supported by the dialectical-critical method. This violence, practiced by men, is an expression of the strange social relations in manipulative capitalism, which articulates and condenses not only the contradictory relations of class, but also of sex and race, which in an interwoven way constitute a system of exploitation, domination and oppression. This system, in times of crisis and the advance of neo-conservatism, uses different strategies to affirm and legitimize certain values that contribute to the reproduction of violence. Armed Violence in Schools is a phenomenon that has been growing significantly in recent years in Brazil, presenting society with complex challenges, which motivated the research that aims to analyze the characteristics of armed violence practiced in schools in Brazil, in order to offer subsidies that can contribute to the planning of actions to combat it. This is a qualitative, exploratory study, whose information was obtained through documentary research, supported by the dialectical-critical method. Practiced by men, it is an expression of the strange social relations of manipulative capitalism, which also articulates and condenses the contradictory relations of sex and race, which in an interwoven way constitute a system of exploitation, domination and oppression. This system, in times of crisis and the advance of neo-conservatism, uses different strategies to affirm and legitimize certain values that contribute to the reproduction of violence.

Keywords: Armed violence in schools; Internet; Neoconservatism; Estrangement; Manipulative capitalism.

Resumen: La Violencia Armada en las Escuelas es un fenómeno que viene creciendo significativamente en los últimos años en Brasil, presentando a la sociedad desafíos complejos, lo que motivó la investigación que tiene como objetivo analizar las características de la violencia armada practicada en las escuelas de Brasil, con el fin de ofrecer subsidios que puedan contribuir a la planificación de acciones para enfrentarla. Se trata de un estudio cualitativo, exploratorio, cuyas informaciones fueron obtenidas por medio de investigación documental, apoyada en el método dialéctico-crítico. Practicada por hombres, es expresión de las extrañas relaciones sociales del capitalismo manipulador, que también articula y condensa las contradictorias relaciones de sexo y raza, que de forma entrelazada constituyen un sistema de explotación, dominación y opresión. Este sistema, en tiempos de crisis y de avance del neoconservadurismo, utiliza diferentes estrategias para afirmar y legitimar determinados valores que contribuyen a la reproducción de la violencia.

Palabras clave: Violencia armada en las escuelas; Internet; Neoconservadurismo; Extrañeza; Capitalismo manipulador.

INTRODUÇÃO

O artigo em tela discute um tema que nos últimos anos passou a ter maior concretude na realidade brasileira – a Violência Armada nas Escolas (VAE). O número crescente de ocorrências, motivou a realização da pesquisa “Violência armada nas escolas: uma análise crítica do fenômeno”, que já conta com resultados parciais, os quais serão aqui apresentados. Percebe-se a relevância do tema por entender que este vem gerando obstáculos para a educação brasileira, o que demanda conhecimento da realidade para que ações de prevenção e enfrentamento sejam planejadas e executadas.

Parte-se do entendimento que a violência é um fenômeno histórico e social, presente nas diferentes formas de sociabilidade, apresentando diversas determinações e formas de manifestação ao longo da história. Portanto, do ponto de vista ontológico, a essência da violência encontra-se no modo como se (re)produzem as relações sociais¹, as quais são determinadas por relações desiguais de classe, de sexo e de raça. Como ressalta Saffioti (2000, p. 73), “A sociedade não comporta uma única contradição. [...] ao longo da história do patriarcado, este foi-se fundindo com o racismo e, posteriormente, com o capitalismo, regime no qual desabrocharam, na sua plenitude, as classes sociais”.

Para Kergoat, estas relações sociais são consubstanciais, ou seja, formam uma unidade e são também coextensivas. “[...] elas formam um nó que não pode ser desatado no nível das práticas sociais, mas apenas na perspectiva da análise sociológica; [...] são coextensivas: ao se desenvolverem, as relações sociais de classe, gênero e “raça” se reproduzem e se coproduzem mutuamente” (KERGOAT, 2010, p. 94). Corroborando com a autora, para Saffioti (2000) esse “nó” é formado pelo patriarcado-racismo-capitalismo, constituindo-se numa realidade bastante nova, que se desenvolveu nos séculos XVI-XVIII.

Para garantir a reprodução destas relações sociais desiguais, que estruturam a sociedade, as mesmas operam e se manifestam de três formas: “exploração, dominação e opressão (que podem ser ilustradas pelas diferenças salariais, pela maior vulnerabilidade e maior risco de ser vítima de violências)” (KERGOAT, 2010, p. 95). Assim, quando se analisa as diversas formas de violência que se manifestam na sociedade capitalista, é preciso compreender que, mesmo sendo as opressões decorrentes do patriarcado e do racismo anteriores ao capitalismo, estas sobreviveram e se tornaram necessárias para a reprodução desta sociabilidade. Para exemplificar, observa-se que “na Roma antiga o patriarca tinha direito de vida e morte sobre sua mulher, hoje o feminicídio ou a morte de mulheres por motivos sexistas é comumente justificada pelo desvio em torno das expectativas de condutas e caminha na direção da culpabilização das vítimas” (BARROSO, 2018, p. 457). Compreende-se então, que no modo de produção capitalista, o patriarcado e o racismo apresentam particularidades, pois estão em permanente transformação, mas continuam sendo contradições que determinam as relações na sociedade.

Chauí (2022, p. 16), afirma que a violência é um ato que se opõe à ética porque “trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos”. Na sociedade patriarcal, racista e capitalista, a classe que vive do trabalho, é a coisa, a mercadoria,

1 Para Kergoat (2010, 94) “uma relação social é uma relação antagônica entre dois grupos sociais, instaurada em torno de uma disputa [enjeu]. É uma relação de produção material e ideal”.

objeto de relações de violência, de exploração e opressão. Quanto mais a classe trabalhadora é expropriada de suas necessidades, do fruto do seu trabalho, mais violenta a relação se torna.

Nesta perspectiva, quando se pensa a violência no ambiente escolar, a fase inicial da pesquisa – fase exploratória –, indicou que a escola é um espaço de reprodução de inúmeras violências, sendo mais expressiva a qualificação em três modalidades: a violência que ocorre na escola, a violência da escola e a violência contra a escola, também denominada por Vinha *et al.* (2023) como a violência que invade a escola. Nesta, identificam-se os episódios de violência armada.

Para Vinha et al. (2023), os ataques que vêm ocorrendo nas escolas possuem uma característica particular, pois trata-se de um espaço onde as pessoas passam boa parte do seu tempo, estabelecem relações com pessoas, com as quais possuem certa familiaridade e até mesmo vínculos. Portanto, é diferente de um ataque a tiros que ocorre, por exemplo, num terminal de ônibus, ou em qualquer outro espaço público, em que pessoas diversas e em momentos diversos possam estar.

Para fins de caracterização dos episódios de violência com emprego de armas, será utilizada a categoria violência armada nas escolas (VAE), que é cometida propositalmente ou acidentalmente, tendo como alvo estudantes e/ou trabalhadores do local. Esta perspectiva se alinha a definição cunhada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE):

Violência armada inclui o uso ou ameaça de uso de armas para infligir ferimentos, mortes ou danos psicossociais, os quais prejudicam o desenvolvimento. Para legisladores, a perspectiva da violência armada oferece uma visão mais ampla do que apenas relacionado aos conflitos armados, ao incluir situações de crime violento crônico e violência interpessoal. Em razão que, a violência armada sob contextos que não existe conflito, esta pode ter mais impacto na segurança e no desenvolvimento do que em sociedades afetadas pela guerra (OCDE, 2009, p. 13).

Esta demarcação conceitual é importante, pois abrange a diversidade de situações em que há o uso de armas na escola para matar ou ferir pessoas. Portanto, abarca os episódios, que por outros estudos são identificados, por exemplo, como tiroteios escolares, ataques nas escolas e violência extrema nas escolas. Por isso, considera todos os episódios de violência armada que ocorreram nas escolas brasileiras, independente do perfil dos autores – embora a maioria sejam alunos e ex-alunos –, do tipo de arma utilizada e se houveram vítimas fatais ou não.

O primeiro episódio de VAE registrado no Brasil ocorreu em agosto de 2001 e, desde esta primeira ocorrência, até outubro de 2024, a pesquisa aqui apresentada identificou 43 casos. Assim, o texto proposto tem como objetivo principal analisar as características da violência armada praticada em escolas no Brasil, a fim de oferecer subsídios que possam contribuir com o planejamento de ações para o seu enfrentamento. O mesmo foi desmembrado em 2 objetivos específicos: 1) Apresentar informações sobre a conformação da violência armada em escolas no Brasil; 2) Problematicar as diversas causas da violência armada praticada em escolas no Brasil.

Metodologicamente, os dados apresentados resultam do emprego de pesquisa qualitativa, de nível exploratório, com base na técnica de pesquisa documental. Quanto à natureza dos documentos, estes constituem-se de dados primários (notícias) e de dados secundários (relatórios), os quais constituíram a amostra da pesquisa. Os dados primários compreendem um conjunto de 86 matérias, localizadas em jornais virtuais, que trazem informações sobre os 43 casos registrados no período delimitado para a pesquisa (agosto de 2001 a outubro de 2024).

Outra parte da amostra documental é constituída pelos seguintes relatórios: “Ataques às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental” (CARA, 2023)² – que aqui será identificado como Relatório 1 e “Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: causas e caminhos” (VINHA *et al.*, 2023)³ – que será identificado como Relatório 2. Deste modo, a amostra – não probabilística e intencional – constituiu-se de uma triangulação de fontes⁴, o que possibilitou comparar, relacionar, (re)afirmar e/ou saturar as discussões, com base em distintas fontes. Outras fontes bibliográficas e documentais foram auxiliares nesse processo.

Sob a luz do método materialista, histórico e dialético, que considera o que é real/concreto e com sua dinâmica no movimento da história, o texto apresenta, no item seguinte desta introdução, informações sobre como vêm se dando a materialização deste fenômeno no Brasil, ou seja, informações sobre a frequência das ocorrências de VAE, tipo de escola que foi alvo dessa violência, arma(s) utilizada(s) pelos perpetradores e características do(s) autor(es). Na sequência são problematizadas as diversas causas atribuídas ao fenômeno da VAE, o que possibilitou desvendar sua complexidade e refletir sobre as determinações ocultas, necessárias para superar a aparência fenomênica do objeto de estudo. Por fim, apresentam-se algumas considerações sobre o tema que poderá motivar novos estudos e, conseqüentemente, apresentar contribuições para a análise e enfrentamento dessa demanda.

VIOLÊNCIA ARMADA NAS ESCOLAS: SUA MATERIALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

No Brasil, o fenômeno da VAE começou a ocorrer, definitivamente, em 2001, no estado da Bahia. Já, a sua repercussão nacional pode ser observada a partir do ano de 2011, quando ocorreu o caso de Realengo, o qual contribuiu para desencadear outros 2 episódios⁵. Considerando a totalidade dos casos identificados na análise das notícias, sua distribuição dá-se da seguinte maneira: a) de 2000 a 2009 ocorreram 4 situações

2 Elaborado por um Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas, o relatório analisa 36 casos de “ataques extremos” às escolas brasileiras, dado o recorte temporal considerado pelo mesmo: 2002 a outubro de 2023.

3 Este relatório leva em consideração 37 escolas atacadas, haja vista o tempo abarcado pelos pesquisadores: 2001 a outubro de 2023.

4 “[...] o princípio [da triangulação] refere-se ao objetivo de buscar ao menos três modos de verificar ou corroborar um determinado evento, descrição, ou fato que está sendo relatado por um estudo. Tal corroboração serve como uma outra forma de reforçar a validade de um estudo. [...] Ao coletar dados, a triangulação ideal não apenas buscaria confirmação de três fontes, mas tentaria encontrar três tipos diferentes de fontes” (YIN, 2016, p. 94).

5 Como poderá ser observado mais adiante, após Realengo, houveram mais 2 situações dessa natureza no mesmo ano, diferentemente dos casos isolados do período inicial do fenômeno no Brasil.

(9,3%); b) de 2010 a 2019, desencadearam-se 13 casos (30,2%); e c) de 2020⁶ a 2024, foram notificados 26 incidentes (60,5%) dos 43 registros que totalizam essa violência no Brasil. Nesse intervalo de 5 anos, chama atenção o ano de 2023, no qual foram registrados 12 ocorrências de VAE.

Diante deste cenário, famílias brasileiras passaram a questionar a segurança nas escolas e a cobrar das instituições de ensino e dos governantes, respostas efetivas para prevenir e, sobretudo, proteger as crianças e adolescentes no ambiente escolar. Comunidades escolares começaram a problematizar a necessidade ou não de contratar seguranças armados nas escolas, de colocar catracas para maior controle das pessoas na entrada dos estabelecimentos educacionais, além de haver casos de suspensão de aulas devido a ameaças de novos ataques. Ou seja, o que se observa é que o ano de 2023 sensibilizou e mobilizou a sociedade em torno do tema. A tabela abaixo apresenta informações que caracterizam este fenômeno.

6

O ano de 2020, em específico, apresenta um vazio de registros, em razão da pandemia de Covid-19.

Tabela 01 - Dados sobre a Violência Armada nas Escolas

Estados e frequência da VAE	Dependências administrativas	Tipo de arma utilizada	Vínculo dos autores
Amazonas - 1 (2023)	Estadual - 20	Álcool - 1	Aluno - 33
Bahia - 5 (2001, 2002, 2022, 2022, 2024)	Municipal - 16	Arma de fogo	Ex-aluno - 7
Ceará - 2 (2022, 2023)	Particular - 8	não informada - 2	Funcionário - 1
Distrito Federal - 1 (2024)		Bomba caseira - 3	Estranho - 5
Espírito Santo - 3 (2008, 2022, 2022)		Calibre 22 - 1	
Goiás - 4 (2017, 2017, 2023, 2024)		Calibre 32 - 2	
Maranhão - 1 (2023)		Calibre 38 - 8	
Minas Gerais - 4 (2017, 2019, 2023, 2024)		Canivete - 2	
Paraíba - 1 (2012)		Carabina - 1	
Pernambuco - 1 (2023)		Coquetel molotov - 2	
Piauí - 1 (2011)		Estilete - 2	
Paraná - 3 (2018, 2023, 2024)		Explosivo - 1	
Rio Grande do Sul - 1 (2019)		Cutelo - 1	
Rio de Janeiro - 3 (2011, 2022, 2023)		Faca - 15	
Santa Catarina - 2 (2021, 2023)		Facão - 1	
São Paulo - 10 (2003, 2011, 2019, 2019, 2019, 2021, 2022, 2023, 2023, 2023)		Garrucha - 1	
		Machadinha - 5	
		Pistola - 2	
		Ponto 40 - 1	
		Revólver - 2	

Fonte: elaboração autoral com base nos dados coletados nas notícias (2025).

Como é possível observar, os estados com maior incidência da VAE foram São Paulo (9 casos), Bahia (5 casos), Goiás e Minas Gerais (ambos com 4 casos). Do ponto de vista da divisão regional, a macrorregião sudeste foi a que apresentou maior número de casos (19) e em seguida a região nordeste (12 casos). Da mesma forma, o relatório 2 também indica São Paulo como o estado com mais ocorrências, seguido do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia, sendo tais episódios identificados como ataques às escolas (VINHA *et al.*, 2023). O Anuário de Segurança Pública de 2024, revela que “as regiões Nordeste e Norte continuam liderando o ranking de regiões mais violentas do país” (FBSP, 2024, p. 31). Ao considerar a taxa de mortes violentas intencionais (MVI) por cada 100 mil habitantes, o nordeste apresenta taxa de 60% superior à média nacional (FBSP, 2024).

Entendendo a complexidade e também as particularidades das diversas formas de violência que se manifestam na sociedade, é necessário considerar os diversos fatores e processos que se relacionam e contribuem para a manifestação dessa e de outras formas de violência. Além das disputas entre facções – como mencionado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, cabe referir o quanto as históricas desigualdades sociais, políticas, econômicas, culturais, geográficas, entre outras, contribuem para que determinadas populações sejam mais ou menos protegidas ou violadas em seus direitos humanos e sociais. São diversos indicadores sociais que precisam ser considerados e que auxiliam na compreensão da realidade, já que esta, como refere Marx (2011), é a síntese de múltiplas determinações.

Quanto às características das escolas atingidas, há o predomínio de instituições públicas (20 estaduais e 16 municipais). O mesmo é indicado no relatório 1, ou seja, de 37 escolas, 14 são municipais e 16 estaduais (CARA, 2023). Cabe referir que 80% dos estudantes brasileiros são atendidos por escolas públicas, enquanto as privadas atendem cerca de 20%. “Isso significa que não há diferença real entre ambos os tipos de estabelecimentos quanto ao fenômeno” (CARA, 2023, p. 9).

A arma de fogo foi o recurso mais usado para materializar a violência planejada, contabilizando 17 armas. No relatório 1, observa-se um equilíbrio, ou seja, “dentre os ataques, 16 utilizaram armas de fogo como armamento principal; 16 fizeram uso de armas brancas; e, quatro, de outros tipos” (CARA, 2023, p. 9). No entanto, o relatório menciona que a letalidade dos ataques com armas de fogo é muito superior, sendo responsável por 77,55% das mortes. No relatório 2, também se observa um certo equilíbrio, sendo 17 armas de fogo e 15 armas brancas, sendo a arma de fogo também responsável pela maior parte das mortes e ferimentos, ou seja, de 73,72% das vítimas. Foi no episódio ocorrido em 2011, numa escola de Realengo, que houveram mais mortos e feridos, sendo 13 vítimas não fatais (10 alunas e três alunos) e 12 vítimas fatais (10 alunas e 2 alunos), portanto, 20 estudantes mulheres (VINHA *et al.*, 2023).

Sobre o emprego de armas de fogo, cabe uma breve reflexão sobre o período do governo Bolsonaro (desde a campanha de 2018), em que foram criados 34 Decretos e 13 Portarias, com a finalidade de liberar, facilitar e flexibilizar, ainda mais, o porte de armas de fogo e de suas munições para a população brasileira (OLIVEIRA, 2022). Em suas manifestações públicas, Bolsonaro instigava a população (inclusive crianças) a imitá-lo com o símbolo de arma na mão, o que se consolidou como uma marca do ex-presidente e que acabou autorizando a sociedade para o uso da violência.

Em relação aos autores da VAE, observa-se, tanto na análise das notícias, como dos relatórios, que estes são em sua grande maioria alunos e ex-alunos (no caso das notícias 33 estudantes e 7 ex-estudante), o que corrobora com a análise de Vinha *et al.* (2023), de que são práticas motivadas pelo ódio e/ou pelo desejo de vingança.

Como será destacado logo em seguida, estas práticas possuem determinações que não aparecem imediatamente, mas que se constituem e se desenvolvem considerando as relações sociais contraditórias de sexo, raça e classe.

Sobre a faixa-etária dos sujeitos que praticaram a VAE, as notícias analisadas indicam que esta vai dos 10 anos (menor idade) aos 50 anos (maior idade). Destes, 38 (80,8%) são adolescentes – indivíduos de 12 a 18 anos de idade; seguido de 7 (14,8%) jovens, entre 19 e 29 anos. Dentre esses adolescentes, predominam aqueles com 15 e 17 anos e na sequência, 13 e 14 anos. No relatório 2, a análise da faixa etária indica o predomínio de adolescentes entre 14 e 17 anos, o que possibilita afirmar que a VAE constitui-se ato infracional, conforme prevê o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Assim, entender esta fase do desenvolvimento humano – adolescência – é de suma importância, considerando os vários aspectos e processos que a constituem. Dentre estes aspectos, destaca-se por exemplo, a vulnerabilidade em relação a manipulação patriarcal-racista-capitalista sobre as condições subjetivas destes sujeitos, visto que o sistema vigente faz da violência um instrumento de dominação nas relações entre homens e mulheres, adultos e crianças, brancos e não brancos (VERGÈS, 2021).

No que se refere ao sexo dos 47 autores (já que em alguns episódios a violência envolve mais de uma pessoa) desses atos infracionais – considerando que a maioria dos casos são praticados por adolescentes –, todos foram identificados pelo sexo masculino. O mesmo é evidenciado pelos 2 relatórios, que além disso, apontam serem esses agressores, em sua grande maioria de cor branca.

Cabe aqui apenas mencionar, em relação às notícias analisadas, que das 196 vítimas, 83 eram do sexo feminino (43,3% dos alvos). Como a VAE atinge estudantes e profissionais⁷ das escolas (adultos e não adultos), as vítimas estudantes do sexo feminino, correspondem a 59,43% das ocorrências na análise do Relatório 2, sendo, portanto, a maioria.

Como evidenciado na introdução, o gênero, a raça e a classe social constituem eixos estruturantes da sociedade. No entanto, quando estas contradições são tomadas isoladamente, analisando um fenômeno específico, por exemplo, estas contradições “apresentam características distintas daquelas que se pode detectar no “nó” que formaram ao longo da história” (SAFFIOTI, 2015, p. 83), ou seja, “dependendo das condições históricas vivenciadas, uma destas faces estará proeminente, enquanto as demais, ainda que vivas, colocam-se à sombra da primeira” (SAFFIOTI, 2015, p. 83). Assim, em que pese os limites da análise a partir dos dados aqui apresentados, que evidenciam o perfil dos autores e das vítimas da VAE, observa-se uma maior proeminência das contradições de sexo e raça, as quais são determinantes para a prática da VAE, que é justificada pelo ódio e desejo de vingança.

“Dois dos casos foram claramente motivados por questões de sexo/gênero: o ocorrido em 2017 na E.E. 13 de Maio, em Alexânia (GO), em que um ex-aluno mata uma aluna por tê-lo rejeitado” e o ataque em Realengo, que vitimou 20 estudantes mulheres (VINHA et al., 2023, p. 22). Ao olhar para esta realidade a partir de uma perspectiva de sexo/gênero, o dado revela um padrão de violência que afeta as mulheres de maneira diferenciada em relação aos homens, tanto em relação à frequência quanto em aspectos de intensidade.

7 “[...] entre as vítimas adultas, a maioria era do sexo feminino, devendo-se levar em conta que por volta de 80% 12 dos profissionais das escolas brasileiras são desse sexo, o que não implica uma motivação por gênero nesses ataques” (VINHA et al., 2023. p. 22).

O sistema patriarcal, historicamente coloca as mulheres em situações de desigualdade. Saffioti (2015) afirma que este sistema corrobora para que as desigualdades de gênero se intensifiquem, superando os aspectos centrados apenas nas questões biológicas. Destarte, a exploração, dominação e opressão masculina sobre o sexo feminino fortaleceu-se e, conseqüentemente, estas práticas machistas, resultantes desse sistema patriarcal, naturalizaram-se e perpetuam ao longo da história.

A autora lança luz sobre uma dinâmica crucial imposta nas relações de sexo/gênero:

O poder apresenta duas faces: a da potência e da impotência. As mulheres são socializadas para conviver com a impotência; os homens – sempre vinculados à força – são preparados para o exercício do poder. Convivem mal com a impotência. Acredita-se ser no momento da vivência da impotência que os homens praticam atos violentos, estabelecendo relações deste tipo (SAFFIOTI, 2015, p. 89).

Portanto, a violência de corpos masculinos sobre corpos femininos, pode ser analisada como uma expressão do conflito interno que muitos homens experimentam ao se depararem com a fragilidade ou até mesmo a perda de controle, surgindo diversas vezes como uma tentativa de reafirmação deste poder. Essa ideia, de que os homens devem ser fortes e dominantes, nitidamente leva a normalização da agressividade, como uma via de resolução de conflitos/emoções, além de trazer uma série de problemas às relações sociais destes sujeitos.

AS DIVERSAS CAUSAS ATRIBUÍDAS AO FENÔMENO DA VIOLÊNCIA ARMADA NAS ESCOLAS

Tendo em vista as informações apresentadas no item anterior, esta seção problematiza as causas atribuídas ao fenômeno VAE, novamente considerando a triangulação de 3 fontes. Assim, a pesquisa nas notícias indicou a existência de 13 motivos⁸ e/ou razões para a prática da VAE. Em alguns episódios são identificadas mais de uma causa que a justificam. Por se tratar de notícias, as mesmas não apresentam análises mais profundas e sim informações imediatas das ocorrências, com base em relatos, depoimentos e investigações iniciais da polícia. De qualquer forma, constituem-se como importantes dados que retratam a realidade, trazendo informações de um fenômeno que precisa ser desvendado.

A maioria das causas identificadas são comuns ao que é apresentado nos 2 relatórios analisados, como poderá ser observado no decorrer deste item. Para Ianni (2011) a reflexão científica sobre um determinado objeto permite desvendar peculiaridades, características, atributos, isto é, suas determinações que constituem o real, as quais são fundamentais para explicação deste. “Então, pela reflexão, pela abstração, [...] chegamos às determinações que constituem o real, o concreto, o imediato” (IANNI, 2011, p. 405). Dessa forma, considerando as características singulares de cada

8 Neste texto serão analisadas aquelas que apresentaram maior frequência.

caso aqui analisado, é possível identificar semelhanças, diferenças, entre outras informações que contribuem para compreender como o fenômeno se desenvolve e se apresenta. Assim dito por Marx (2011, p. 54): “o concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade”.

Nesta perspectiva, o bullying foi apresentado como a principal motivação da VAE, sendo observado em 13 episódios dessa violência. O relatório 1 refere que o problema é multicausal, e portanto, o bullying é apenas uma parte do fenômeno, se relacionando a vários outros fatores (CARA, 2023). O relatório 2 destaca que “[...] para os autores dos ataques a escola foi palco de sofrimento, pois estes sujeitos tiveram vivências de bullying, exclusão, humilhação e injustiças” (VINHA *et al.*, 2023, p. 28). Cabe salientar que neste relatório, os casos em questão, são qualificados como ataques de violência extrema em escolas, quer dizer, são classificados como crimes de ódio e/ou movidos por vingança (ou atos infracionais violentos), com planejamento e emprego de armas com a intenção matar uma ou mais pessoas.

Em face do exposto, tratar o bullying como uma causa isolada dos casos de VAE corrobora para ocultar uma complexa e múltipla união de fatores envolvidos, como questões familiares, questões de saúde mental, a ascensão da cultura da violência e a facilidade de acesso às armas. É importante destacar, no que se refere ao conceito de bullying, que este “[...] envolve uma série de problemas epistemológicos. As discriminações, especialmente o racismo, a misoginia e a LGBTQIA+fobia mobilizam o que se considera, genericamente, bullying: uma manifestação articulada das violências física, psicológica e moral” (CARA, 2023, p. 37). Deste modo, faz-se necessário compreender este fenômeno como um reflexo das tensões e desigualdades presentes na sociedade patriarcal, racista e capitalista, uma vez que estes sistemas geram para os indivíduos, pressões e cobranças sociais intensas para atender aos padrões e normas vigentes.

De forma resumida, Vinha *et al.* (2023, p. 6) refere que os ataques de violência extrema em escolas “são motivados por ressentimentos, preconceitos, discriminação, racismo, misoginia, intolerância à existência de um grupo, aversão completa a outra pessoa, sectarismo, extremismo, entre outros sentimentos, concepções e valores análogos”. Portanto, a VAE caracteriza-se como um fato multifacetado, que vai além das diversas agressões, envolvendo questões profundas, como preconceitos e intolerâncias.

Por isso, a necessidade de não se associar tudo ao bullying, pois este pode mascarar as reais determinações das práticas violentas, ficando sua análise restrita à aparência, à forma como se manifesta, sem desvendar sua essência. Ao contrário de usar o termo bullying, de forma genérica e generalizada, seria eficaz compreender os determinantes sociais que perpassam a vida desses sujeitos, abordando questões como o racismo, misoginia e a homofobia de forma autônoma, tendo em vista que os sujeitos são socializados numa sociedade que é patriarcal, racista e capitalista, da qual resultam inúmeros preconceitos e discriminações.

Na sequência, observou-se que a segunda motivação mais referida foi a vingança e também a influência de outras ocorrências de ataques e de pessoas que praticaram a violência, ambas identificadas em 5 episódios. Sobre a vingança esta aparece, na maioria dos casos analisados, associada a vivência do bullying, como se observa nos dois episódios em destaque:

[...] o adolescente de 14 anos que cometeu o assassinato disse à polícia que era “agredido quase todos os dias física e verbalmente”. O menino era mais baixo e mais fraco do que o que morreu, que tinha 15 anos. [...] o ataque ocorreu no pátio da escola, quando os alunos esperavam pelo ônibus. Ao ser hostilizado, o adolescente partiu para cima do colega, desferindo um golpe na virilha e outro no pescoço (VIZEU, 2011, *online*).

Ele disse que vinha sofrendo bullying, ou nas palavras dele, que um colega estava amolando ele. Inspirado em outros casos, segundo ele como os de Columbine e o de Realengo, ele decidiu cometer esse crime. Ele ficou dois meses planejando a ação (SANTANA; RESENDE; TÚLIO, 2017, *online*).

Para o autor da violência com utilização de arma, “[...] se trata de vingança contra aqueles que o ofenderam, intimidaram, abusaram ou o trataram injustamente” (VINHA *et al.*, 2023, p. 19). Os/as autores/as do estudo acrescentam ainda o sentimento de humilhação, sobretudo por ser considerado inferior, estranho ou desajustado pelos outros, não só por quem de fato pratica uma ofensa ou outra atitude violenta, mas por todos da comunidade escolar. Por isso, buscam na violência, uma forma de afirmar outra identidade.

Observa-se que, assim como há pessoas que se tornam vítimas (diretas) da VAE, em virtude, por exemplo, dos preconceitos e discriminações – manifestações das diversas desigualdades sociais –, os sujeitos praticantes também podem ser considerados vítimas (indiretas) desses mesmos preconceitos. Estes, experimentam sentimentos de impotência, rejeição e marginalização que, sendo eventos traumáticos, podem afetar sua saúde mental, gerando episódios de raiva, frustração e uma constante busca por formas de retaliação. Em conjunturas onde a violência é normalizada, a pessoa compreende a violência armada como uma maneira de se vingar, expor o seu sofrimento ou recuperar o poder e controle diante dessas situações. Ademais, a exposição à discursos de ódio, intolerância e discriminação colaboram para aumentar a propensão dos indivíduos adotarem comportamentos violentos, principalmente em uma cultura onde a força física é entendida como uma forma de resolução de conflitos.

A outra motivação da violência armada que se destacou nos casos analisados foi, como já mencionado anteriormente, a influência de outras ocorrências de ataques e de pessoas que praticaram a violência (5 episódios).

Esses perpetradores inspiram-se em outros ataques, como Columbine (15 mortos) e Suzano (9 mortos). Idolatram os autores de massacres, que são considerados heróis dos renegados, os “Sanctus” ou “Lendários”. Isso aparece também nos símbolos compartilhados (nazistas, supremacistas etc.), na escolha das roupas e das armas, no exibicionismo. Buscam imitá-los, de forma a conquistar fama e respeito, tornando-se um Sanctus (VINHA *et al.*, 2023, p. 20).

Como ocorre essa influência de terceiros, motivando a realização de novos ataques com violência armada – fenômeno denominado de efeito contágio –, desde abril de 2023 “há um movimento de orientação e autorregulação das principais mídias brasileiras buscando noticiar os eventos sem trazer informações que vão na direção de dar visibilidade aos perpetradores e aos processos empregados” (VINHA *et al.*, 2023, p. 26), assim, buscando evitar novas situações.

Sobre esta motivação – que está dialeticamente relacionada às outras – é importante refletir sobre alguns aspectos: a) (in)capacidade de reflexão crítica dos adolescentes e jovens que praticam a VAE; b) processo de estranhamento desses adolescentes e jovens (capacidades humanas e desenvolvimento humano); c) crescimento do neoconservadorismo e neofascismo no Brasil.

Como adolescentes ainda são sujeitos em formação, em fase de crescimento e desenvolvimento, segundo o ECA, observa-se uma maior vulnerabilidade dos mesmos no que diz respeito ao contato com informações de conteúdo violento, com pessoas que buscam influenciar no seu modo de pensar e agir, manipulando-as. Desse modo, questiona-se a capacidade emocional e social desses adolescentes em refletir criticamente sobre os ataques e massacres ocorridos e que os mobilizam para reproduzi-los em outro contexto. É claro que não se pode generalizar, afinal adota-se aqui a perspectiva de existência de várias adolescências, que resultam de diferentes vivências e experiências, as quais são determinadas pelas condições objetivas e subjetivas de vida, ou seja, pelas diferenças econômicas, regionais, culturais, religiosas, étnico-raciais, bem como pelas diferenças no que diz respeito a identidade de gênero e orientação sexual. Como refere Marx (2008), a produção de indivíduos é socialmente determinada, portanto, é produção que se dá a partir das relações contraditórias que estruturam esta sociedade, ou seja, o patriarcalismo, a heterocisnormatividade, o racismo e o capitalismo.

Nesta linha de pensamento, chega-se ao outro aspecto a ser destacado, ou seja, o estranhamento em relação ao outro, que faz com que sujeitos tirem a vida de outros de forma brutal e sem ressentimentos. “O estranhamento é um fenômeno do desenvolvimento do ser social na sociedade humana em geral, independentemente da época histórica, embora cada época tenha a sua própria forma de estranhamento” (INFRANCA, 2018, p. 1). Na sociedade capitalista, a produção coletiva e a apropriação privada das mercadorias produzidas, gera distinção socioeconômica e política entre as classes, ou seja, o estranhamento. Tais relações estranhadas são agravadas e potencializadas quando se considera, como evidenciado na introdução deste texto, que o sistema capitalista está imbricado com as relações contraditórias que o antecedem e se renovam nesta sociabilidade, ou seja, o patriarcado e o racismo.

Portanto, na sociabilidade patriarcal, racista e capitalista, o estranhamento também se legitima e se materializa no universo ideológico, da manipulação, podendo gerar “deformações da personalidade humana” (LUKÁCS, 2013, p. 183), o que nos ajuda a entender o porquê, por exemplo, muitos casos de VAE, são motivados pelo racismo, pela misoginia e homofobia, o que evidencia a presença e imbricação das três contradições fundamentais da sociedade – relações sociais de sexo, raça e classe. Nesta sociedade, as técnicas de manipulação “buscam atingir o conteúdo oculto da pré-consciência e do inconsciente humano, visando a influenciar o comportamento dos indivíduos sociais” (ALVES, 2008, p. 142).

Outro processo que auxilia na compreensão da complexidade e gravidade desse tipo de violência – tendo em vista a perspectiva de totalidade –, é o crescimento do neoconservadorismo e neofascismo no mundo, e de forma particular no Brasil. O relatório 1, ao apresentar características comuns dos autores da VAE, refere que estes “incorporam perspectivas e valores de opressão, [...] frequentemente associadas a ideologias de cunho fascista e nazista; inclusive, muitas vezes consomem e promovem conteúdos e símbolos neonazistas” (CARA, 2023, p. 48). Tais ideologias estão relacionadas ao avanço da extrema direita no mundo e no Brasil, que ocorre de maneira associada à crise estrutural do capital.

A difusão e a legitimação social dessas ideologias⁹, “supõem a existência de condições sociais favoráveis, dadas em momentos de crise social, quando se acirram as tensões e a luta de classes, e o poder dominante utiliza mecanismos coercitivos para

9 No Brasil, o governo do ex-presidente Bolsonaro reproduziu vários supostos do neoconservadorismo e do neofascismo, a destacar: o negacionismo em face da ciência e da história, que constituem o irracionalismo; o ataque moralista a conquistas dos movimentos de mulheres, negros, indígenas e da população LGBTQIA+ (BARROCO, 2022).

impor a ordem social” (BARROCO, 2022, p. 14). Mais uma vez, é preciso reconhecer que as diversas manifestações desse neoconservadorismo e neofascismo, que buscam afirmar e legitimar um determinado projeto de sociedade, também se fundamentam nas contradições estruturantes desta sociedade, ou seja, nas relações sociais de sexo, raça e classe, buscando manter relações de exploração-opressão do rico sobre o pobre, do homem sobre a mulher, do branco sobre o negro, e do heterossexual sobre o homossexual ou o bissexual.

Não há como deixar de destacar, que durante o governo de Bolsonaro houve práticas de culto à morte, à violência e ao militarismo. “[...] a liberação do acesso às armas, a condecoração de policiais acusados de assassinato, a celebração da brutalidade letal significam a restauração de um passado perdido com o fim da ditadura militar empresarial” (BARROCO, 2022, p. 18). Assim, quando se trata da VAE, um dos aspectos que se observa, é a existência de adolescentes que praticam essa violência, com base nos seus “ídolos”, heróis. “Buscam imitá-los, de forma a conquistar fama e respeito” (VINHA *et al.*, 2023, p. 20).

A terceira motivação referida foi o acesso a internet/redes sociais/jogos online, presente em 4 ocorrências. Como referido anteriormente, as formas de socialização se alteraram profundamente nos últimos anos, com o advento da internet e das redes sociais, resultado do avanço das forças produtivas e do desenvolvimento tecnológico no sistema do capital. As relações sociais tornam-se cada vez mais mediadas pelo uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), seja na vida pública ou privada, nas relações de trabalho ou de lazer, tornando mais complexas as relações sociais e humanas.

A realidade contemporânea se apresenta como um aglomerado de técnicas e tecnologias que organizam a sociedade e tomam um espaço cada vez maior no trabalho, nos processos formativos e nos momentos de lazer. Plataformas que amparam e controlam o trabalho remoto em diversas áreas, redes sociais, jogos online e aplicativos para diferentes fins passam a ocupar lugar privilegiado no cotidiano (GONZALEZ, 2024, p. 240).

O relatório 1, quando apresenta as dez características mais comuns dos autores dos ataques em escolas, também evidencia que estes “apresentam forte engajamento e alto grau de interação em plataformas da Internet, participando de comunidades extremistas” (CARA, 2023, p. 48). Na mesma linha, o relatório 2 refere que “a maior parte dos autores foi usuária da subcultura extremista, interagem com perfis, subcomunidades e comunidades virtuais mórbidas e/ou consumiam conteúdos de ódio, característica cada vez mais presente nos últimos anos” (VINHA *et al.*, 2023, p. 21).

O relatório 2 refere também que dos 32 ataques ocorridos até outubro de 2023, 25 apresentaram indícios desse tipo de interação no ambiente virtual. Até o ano de 2010 eram decorrentes de ressentimento e vingança. Observa-se então, que nos últimos anos, um dos principais motivos para a ocorrência da VAE é a influência do ambiente virtual, haja vista que as tecnologias digitais vêm ganhando cada vez mais centralidade na atualidade.

Sobre isso, cabe destacar o aspecto contraditório da criação e massificação da internet e das redes sociais, pois assim como trazem muitos benefícios, vantagens e facilidades para a sociedade, também trazem prejuízos, danos e preocupações. Nesse

sentido, a categoria estranhamento novamente é oportuna, pois quando se considera que a internet é resultado do avanço das forças produtivas, das capacidades humanas e que, portanto, tem um caráter positivo, também produz deformações. Ou seja, a internet possibilita acessar um conjunto de possibilidades, informação, cultura, entretenimento e contatos, mas também contribui para o planejamento de atos violentos, evidenciando o descompasso entre as capacidades humanas e o desenvolvimento humano (personalidade humana).

[...] o desenvolvimento das forças produtivas – em si, correspondendo à sua essência – é idêntico à elevação das capacidades humanas, mas, em seu modo fenomênico, também pode provocar – igualmente em sua respectiva necessidade social – uma degradação, uma deformação, um autoestranhamento dos homens (LUKÁCS, 2013, p. 225).

O filósofo sublinha que em diferentes estágios da humanidade, os estranhamentos “podem adquirir tanto formas como conteúdos diferentes [...] Só o que importa é que o antagonismo fundamental entre desenvolvimento da capacidade e desdobramento da personalidade está na base de seus diferentes modos fenomênicos” (LUKÁCS, 2013, p. 422).

Tendo em vista a grande influência do ambiente virtual nos casos de VAE, cabe a reflexão de a sociabilidade patriarcal, racista e capitalista, em momentos de crise, intensifica suas estratégias de manipulação, atingindo a consciência e a subjetividade dos indivíduos, “impedindo que se possa despertar no homem necessidades reais do desenvolvimento da personalidade. Pelo contrário, a manipulação [...] constitui a “subjetividade pelo avesso”, a “subjetividade em desefetivação” (ALVES, 2008, p. 131).

Portanto, tais processos precisam apreendidos de forma dialética e numa perspectiva de totalidade, para que assim se possa compreender e intervir numa realidade cada vez mais mediada pela internet, pelo ambiente virtual, alterando as formas de socialização de toda a sociedade, com destaque aos adolescentes e jovens, que estão vulneráveis a todas estas mudanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A VAE é um fenômeno complexo e multideterminado, em que aspectos estruturais e conjunturais precisam ser considerados para a sua análise e compreensão. Sua manifestação é expressão das relações sociais que conformam a sociabilidade patriarcal, heteronormativa, sexista, machista e racista no momento atual, o que fez este tipo de violência surgir no Brasil nos últimos anos, com destaque para seu crescimento no ano de 2023, que mobilizou e sensibilizou a sociedade para a necessidade do seu debate e enfrentamento.

Motivada pela misoginia, racismo, LGBTQIA+fobia e outras intolerâncias, a VAE precisa ser compreendida considerando o atual momento desta sociabilidade, a partir da sua crise estrutural, do avanço da extrema direita, do neoconservadorismo e do neofascismo. Trata-se de um fenômeno que precisa ser analisado na perspectiva de que projetos societários estão em disputa, buscando afirmar valores e poder. Desse

modo, as várias intolerâncias que motivam a prática da violência armada, podem ser interpretadas como formas contemporâneas e particulares das relações contraditórias que estruturam a sociedade, ou seja, o patriarcado, o racismo e o capitalismo.

Consequentemente, adolescentes tornam-se alvos fáceis – em face do seu processo de desenvolvimento –, de conteúdos e discursos de ódio e intolerância, que encontram na internet e no mundo virtual, uma maneira prática e silenciosa de capturar e manipular esses sujeitos, que de forma a-crítica, alienada, reproduzem os preconceitos e discriminações. Dessa forma, a violência com emprego de armas, passa a ser instrumento de dominação e afirmação de poder, vale sublinhar – o poder do macho, do patriarca – numa tentativa de manter a dominação e opressão contra mulheres.

Todos esses elementos contribuem para compreender as particularidades dessa forma de violência, que tem no planejamento de sua execução, uma de suas especificidades, ou seja, não ocorre de forma acidental, sem antes ser intencionada. Ela ocorre num ambiente em que as pessoas se conhecem, ou seja, a grande maioria dos autores e das vítimas da VAE, convivem ou conviveram no espaço escolar. Outra particularidade diz respeito ao fato de que a violência armada tem na escola o lugar de sua manifestação real, mas antes disso, seu planejamento, sua idealização ocorre no ambiente virtual, nas interações online. Desse modo, é possível compreender que os autores da VAE, também são vítimas, pois acabam sendo manipulados e capturados por discursos e práticas que tem como fundamentos valores de opressão.

Portanto, a VAE é a expressão de uma grande contradição, ou seja, o desenvolvimento das capacidades humanas em detrimento do desenvolvimento da personalidade humana. Quanto mais se desenvolvem as forças e as capacidades humanas de produção na sociedade do capital, mais estranhas se tornam as relações sociais estabelecidas entre os indivíduos desta sociedade, ou seja, a personalidade humana não se desenvolve na mesma direção. Expressões disso é o ódio, a intolerância, o culto ao uso de armas, à violência e à morte, às quais não podem ser compreendidas apenas pelo viés do sistema de classe, mas imbricadamente com o sistema de sexo e raça, que se reatualizam e se complexificam na sociabilidade capitalista.

À vista disso, os desafios são imensos, mas é possível construir alguns caminhos para enfrentar este problema: a) Desnaturalizar a violência e construir uma cultura de respeito às diferenças, para que crianças e adolescentes possam crescer e se desenvolver à luz de valores emancipatórios, respeitando a vida de cada sujeito; b) é urgente a implementação da Lei 13.935/2019, que garante a presença obrigatória de profissionais do Serviço Social e da Psicologia para compor equipes multiprofissionais na Educação Básica. Estes profissionais podem contribuir para que a escola seja um espaço democrático, de respeito à pluralidade e à diversidade humana; c) controlar a aquisição e posse indiscriminada de armas – processo que se agravou no governo de Bolsonaro, o qual também pautou o debate da “Escola sem Partido”, da militarização e ampliação das escolas cívico-militares; d) Necessidade de formação digital para o uso consciente das tecnologias digitais, haja vista a manipulação ideológica exercida por diversos grupos alinhados a um projeto societário, que se fundamenta por valores neoconservadores, neofascistas e, como se observou, neonazistas, os quais contribuem para manutenção e reprodução de uma sociedade patriarcal, racista e capitalista.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **Trabalho e Subjetividade**: o metabolismo social da reestruturação produtiva do capital. Marília, São Paulo: [s.n], 2008. Disponível em: <<https://incubadorasocialpuhrs.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/12/trabalho-e-subjetividade.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2025.

BARROCO, Maria Lúcia da Silva. Direitos humanos, neoconservadorismo e neofascismo no Brasil contemporâneo. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 143, p. p. 12-21, jan./abr. 2022.

BARROSO, Milena Fernandes. Notas para o debate das relações de exploração-opressão na sociedade patriarcal-racista-capitalista. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 133, p. 446-462, set./dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/7j9vg6SZxtg6bxSDqc9CHLd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jun. 2025.

CARA, D. **Ataques às escolas no Brasil**: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental. Brasília: Ministério da Educação, 2023. 138 p.

CHAUÍ, Marilena. Direitos Humanos e Educação. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, Bauru, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 13-26, jul./dez. 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: FBSP, 2024.

GONZALEZ, J. A. Revolução tecnológica, direito à tecnologia e formação do cidadão virtual: reflexões sobre a sociabilidade capitalista. **Temporalis**, Brasília, v. 24, n. 48, p. 239-252, jul./dez. 2024

IANNI, Octávio. A construção da categoria. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, São Paulo, v. 11, n. 41, p. 397-416, abr. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639917>>. Acesso em: 31 mar. 2025.

INFRANCA, Antonio. O estranhamento na ontologia do ser social. **Novos Rumos**, Marília, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 1-12, 2018.

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. Trad. Antônia Motta Campos. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 86, mar. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/hVNNxSrszcVLQGfHFf85kk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jun. 2025.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **Grundrisse**: Manuscritos econômicos de 1857-1858- Esboços da Crítica da Economia Política. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **Armed Violence Reduction**: enabling development. Paris: OECD Publishing, 2009.

OLIVEIRA, C. Após mais de 40 decretos de Bolsonaro, brasileiros compram 1.300 armas por dia. Brasil de Fato, São Paulo, 12 set. 2022. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/09/12/apos-mais-de-40-decretos-de-bolsonaro-brasileiros-compram-1-300-armas-por-dia/>>. Acesso em: 24 mar. 2025.

SAFFIOTI, Heleieth. **Quem tem medo dos esquemas patriarcais de pensamento?** Crítica Marxista, São Paulo, Boitempo, v.1, n. 11, 2000, p. 71-75. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cma/article/view/19726>. Acesso em: 16 jun. 2025.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado e Violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SANTANA, Vitor; RESENDE, Paula; TÚLIO, Sílvio. Estudante que atirou em escola de Goiânia se inspirou em massacre de Columbine e Realengo, diz polícia. **G1 Goiás**, Goiânia, 20 out. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/goias/noticia/estudante-que-atirou-contr-colegas-em-escola-de-goiania-ia-matar-todo-mundo-cre-delegado.ghtml>>. Acesso em: 31 mar. 2025.

VARGAS, A. Um ano após ataque em escola em Suzano, tumulto de assassino recebe visitas de admiradores. **CNN Brasil**, São Paulo, 13 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51880555>>. Acesso em: 19 fev. 2025.

VERGÈS, F. **Uma teoria feminista da violência**. 1. ed. São Paulo: Ubu, 2021.

VINHA, T. V *et al.* **Ataques de violência extrema em escolas no Brasil**: causas e caminhos. São Paulo: D3e, 2023.

VIZEU, R. Adolescente vítima de bullying mata colega a facadas no Piauí. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2011/04/903464-adolescente-vitima-de-bullying-mata-colega-a-facadas-no-piaui.shtml>>. Acesso em: 19 fev. 2025.

YIN, R. **Pesquisa qualitativa**: do início ao fim. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2016.

Notas finais

1 Mini currículo: Graduada em Serviço Social pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Mestre e doutora em Serviço Social pela Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora Associada da Graduação em Serviço Social e Professora Permanente do Mestrado Acadêmico em Serviço Social e Proteção Social da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) - Campus São Borja. Líder do Grupo de Pesquisa em Políticas Sociais, Questão Social e Relações de Exploração/ Opressão (GPEXO).

2 Mini currículo: Graduando em Serviço Social pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) - Campus São Borja. Voluntário no projeto de pesquisa “Violência Armada nas Escolas: uma análise crítica do fenômeno”. Bolsista PROBIC/ FAPERGS no projeto de pesquisa “Proteção Social não Contributiva na América Latina e Caribe: programas de transferência condicionada de renda, de inclusão laboral e mínimos sociais para pessoa idosa e PCD”.

3 Mini currículo: Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Mestranda em Serviço Social e Proteção Social pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) - Campus São Borja. Bolsista CAPES/DS.

SER
Social